

MARIERRÊ: SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA E DA AFIRMAÇÃO DO SER NEGRO NA AMAZÔNIA

MARIERRÊ: SYMBOL OF THE RESISTANCE AND AFFIRMATION OF THE BLACK BEING IN THE AMAZON

Benedito Lelio Costa 1
Vilma Aparecida de Pinho 2

Resumo: O objetivo da pesquisa é analisar como o negro reagiu à sua desterritorialização às imposições do sistema colonial e às ideologias racistas que tentaram destituir-lo da condição de ser humano, ao ponto de se reconstruir com inteligência, religiosidade e poesia, a partir do rito cultural/religioso afro-brasileiro: Marierrê. O caminho metodológico percorrido foi o da etnografia, no bojo do qual fomos vislumbrar, ouvir, sentir – no rito, no canto, na dança, no tocar dos instrumentos – o acontecer das poéticas quilombolas, como elas produzem afirmação de novos homens e mulheres negras e de que maneira o Marierrê reflete o empoderamento desses sujeitos da comunidade negra carapajoense, em termos de inteligência, coragem e importância para a história de resistência social, cultural e religiosa afro-brasileira na Amazônia. Constatou-se que o Marierrê produz uma poética que subverte ideologias racistas, ritos religiosos cristãos e concepções sobre o ser negro, numa estratégia de resistência e afirmação na qual inteligência e poesia são símbolos centrais.

Palavras-chave: Marierrê. Rito Afro-Brasileiro. Símbolo de Resistência. Afirmação Negra.

Abstract: The objective of the research is to analyze how the Negro reacted to his deterritorialization to the impositions of the colonial system and to the racist ideologies that tried to remove him from the condition of being human to the point of reconstructing himself with intelligence, religiosity and poetry, from the Afro-Brazilian cultural/religious rite: Marierrê. The methodological path taken was that of ethnography, in which we were to glimpse, hear, feel – in the rite, in the singing, in the dance, in the playing of the instruments – the happening of the quilombola poetics, how they produce affirmation of new black men and women and how the Marierrê reflects the empowerment of these subjects of the black carapajoense community, in terms of intelligence, courage and import for the history of Afro-Brazilian social, cultural and religious resistance in the Amazon. It was found that the Marierrê produces a poetics that subverts racist ideologies, Christian religious rites and conceptions about the black being, in a strategy of resistance and affirmation in which intelligence and poetry are central symbols.

Keywords: Marierrê. Afro-Brazilian Rite. Symbol of Resistance. Black Affirmation.

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFGA-Campus/Cametá). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0040436826127373>. E-mail: leliocostabol.com.br@bol.com.br

Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura - PPGEDUC UFGA Cameté. É coordenadora do GEABI - Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2018069654110698>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2544-0841>. E-mail: vilmaaparecidadepinho@gmail.com

Introdução

Enquanto acadêmico e pesquisador, sou um sujeito que (re)descobriu seu senso de pertença ao olhar para uma comunidade tradicional negra onde tantas vezes estiver, mas sem perceber a beleza, a força, a significação e a intensidade das tradições que dão identidade ao povo que ali residem e resistem ao discurso, à imaginação doentia do colonialismo. Sou um indivíduo negro que tem sua identidade positivada porque vim galgando os árduos degraus do mercado de trabalho, adentrando a estreita porta da ascensão acadêmica e que deseja que o povo brasileiro afrodescendente amplie sua visibilidade, a partir das tantas ações afirmativas que praticam em suas comunidades, em especial, os cantos, as músicas, as danças, os ritos, a cultura de maneira geral, aos quais ousamos chamar de Poéticas Afro-Brasileiras.

Após uma pesquisa de campo e de cunho etnográfico em Carapajó, vila de maioria negra, situada no município de Cametá-Pa, em nome da construção do mais plausível rizoma, nos deixamos (re)contaminar por cantos, ritmos, danças e ritos que remetem ao que há de mais sagrado na vida: a libertação das correntes do não ser e a afirmação do ser humano negro. As análises realizadas são do tipo histórico e dialético, por meio das quais buscamos enxergar a raiz e a importância dessa manifestação afro-cultural-religiosa para a afirmação do novo ser negro na comunidade quilombola de Carapajó, no âmbito da memória, da ancestralidade, da resistência, da afirmação da história e da cultura afro-brasileira, antes sufocadas pela ação do estado.

O objetivo desta pesquisa é analisar como os indivíduos negros daquela comunidade tradicional reagiram à sua desterritorialização, às imposições do sistema colonial e às ideologias racistas que tentaram destitui-los da condição de ser humano, ao ponto de se reconstruir com inteligência, religiosidade e poesia, a partir do rito cultural/religioso afro-brasileiro: o Marierrê, no campo da identidade, da cultura e da religiosidade. O problema em torno do qual este texto caminha é: como, o Marierrê se tornou metamorfose afirmativa de homens e mulheres negras, os quais, a partir de uma linguagem poético-ritualística, esculpiram para si uma nova identidade? Isto é, como esse povo afrodescendente contrariou discursos e atos vazados na sociedade brasileira que preconizam no indivíduo negro o desejo de embranquecimento, como bem mostra Jurandir F. Costa¹, “para o sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos, diversos em suas afetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham uma feição ímpar, uniforme e universal: a brancura”.

Cenário da Pesquisa: A Vila de Carapajó

Com o fervor e entusiasmo de novos cristãos, os pretos africanos estenderam o culto da Senhora do Rosário a toda parte, levando capelas, com ou sem o acompanhamento de irmandades, em vilas e cidades. Santos pretos, ou como tal considerados, tinham altares ou saíam em charola nas procissões. Santuários edificadas testemunham o vigor desse período de associação íntima do escravo africano à religião católica (EDISON CARNEIRO).

Carapajó é uma vila localizada à margem direita do rio Tocantins. Sua origem remonta ao começo do século XIX e sua trajetória existencial envolve alguns fatos que são importantes para a história cultural e religiosa do município de Cametá. Atualmente Carapajó faz parte de um distrito cametaense que conta com mais dois povoados de “grande porte”: as também vilas de Bom Jardim e Porto Grande, além de diversos outros vilarejos menores, muitas ilhas como Guajará, Tabatinga e Paruru. Carapajó é a sede do distrito e como está localizada à margem direita do rio Tocantins, tem servido ao povo cametaense como o principal acesso a outros municípios, inclusive à capital Paraense (Belém), cujo percurso territorial é de aproximadamente 148 km, graças ao asfaltamento da Pa-156 e à construção da Alça Viária.

1 Reflexões feitas por este autor na página 04 do prefácio do livro Tornar-se Negro, de Neusa S. Souza

A Vila de Carapajó é sede da quinta Circunscrição judiciária município de Cametá e, como se viu no texto da ata de sua titulação, passou ao posto de Vila no dia 25 de dezembro de 1916. Antes, Carapajó era uma faixa de terra subtraída de povos indígenas e “doada”², no alvorecer do século XIX, para o senhor José Justiniano Bitencourt, área equivalente a Sesmarias, cuja extensão tinha início onde hoje está a vila de São Benedito de Moiraba, e com final próximo a atual vila de Curuçambaba, no sentido da maré vazante do rio Tocantins.

Figura 1. localização da Vila de Carapajó



Fonte: organizado pelos autores.

O então donatário transformou a propriedade em uma extensa fazenda com o objetivo de trabalhar a agricultura. Sendo assim, se tornou necessário o trabalho de mão-de-obra para os cuidados na fazenda. Nesse sentido foram trazidos para a localidade levas de pessoas escravizadas do território africano e de outras partes do então Brasil colônia, que, somados a outros trabalhadores e à família do fazendeiro, ocasionaram a primeira aglomeração de moradores que, com o passar dos tempos, foi aumentando, dando origem ao povoado, hoje, Vila de Carapajó³.

Carapajó representa apenas um micro, porém significativo, recorte que não nos deixa pensar o Brasil social e religiosamente sem que atentemos para os diversos elementos culturais e seus significados que nos foram deixados durante o período da diáspora africana e que se tornaram parte de nossas práticas cotidianas e de nossa cultura.

E também o Mari Errê que no natal dos carapajoenses no dia 26 dezembro, a homenageada é Nossa Senhora do Rosário, a festa também é herança do período da escravidão e é uma representação simbólica, do rei e da rainha escolhidos antecipadamente que são responsáveis pelo banquete, a festa é animada pelo samba de cacete ritmo criado segundo os moradores na própria vila, neste prisma destacamos também a festividade de Nossa Senhora do Carmo que acontece no mês de julho no período das férias onde a vila recebe o número considerável de turista em devoção a imagem, contudo a festa mais representativa é a festa de São Benedito que representa

2 Esta terra foi doada pelo Sr. Gentil Bittencourt aos seus familiares, quando este era governador do Estado do Pará. Tal doação foi feita a Nossa senhora do Carmo (atual padroeira da vila) pertencente à família Bittencourt. Deste modo o documento de doação da terra torna a santa padroeira a legítima donatária das sesmarias. Este documento segundo D. Sinhazinha Cohén, 82anos (descendentes dos Bittencourt), está guardado no cartório Cohén (em Cametá).

3 Fonte: relatos orais de antigos moradores e registros encontrados na Biblioteca Municipal de Cametá.

um dos maiores eventos do município de Cametá e relevância em todo estado do Pará onde a localidade triplica o número de visitantes, e são feitas em determinados períodos do ano (RAMOS, 2002, p. 18).

Ramos (2002) afirma que houve uma tentativa de implantação de ritos e costumes cristãos na religiosidade dos africanos. Pode ter ocorrido o inverso (esclareceremos mais adiante), pois, a nosso ver, seria desse choque cultural-religioso que teria se originado o ritual do Marierrê em Carapajó. A pesquisadora ressalta, porém, os estudos sobre a História da Congada em Minas Gerais, nos quais ela observa que “essa forma de manifestação já se encontrava na África, onde, muitas vezes os povos Bantos e Angolanos faziam excursões pelo reino saudando seus reis, rainhas, príncipes e princesas com cantos e danças”. É fato, segundo Mattos (2011), que os africanos, quando chegaram ao Brasil, tiveram que conviver com diversos grupos sociais. Sendo eles: brancos, pardos, indígenas, crioulos e africanos de diferentes originários de diferentes partes da África, por isso é perceptível a influência profunda da cultura africana e afro-brasileira na sociedade brasileira, especialmente no campo religioso. (MATTOS, 2011).

A partir desse ponto de vista nota-se a importância que os africanos tiveram na constituição da nação brasileira, do povo brasileiro, da nossa religiosidade. Pensar o Brasil a partir desse fato significa dar atenção a uma gama de elementos culturais-religiosos relacionados a diáspora africana⁴, em Paul Gilroy (2001), que se tornaram parte de nossa percepção do mundo e de nossas práticas cotidianas, enquanto povo negro. Por isso tudo, conhecer e compreender as especificidades dos diferentes contingentes culturais que dão forma à nação brasileira é uma condição fundamental para construirmos uma sociedade justa e solidária, que tenha na educação, no diálogo e no respeito ao outro o ponto de partida para o bem comum.

O pesquisador situado no campo: desde uma imersão de corporeidade

O Marierrê, em uma descrição breve e preliminar, por assim dizer, é um ritual religioso com procissões, ladainhas, batuque, cantos e molejos que representam adoração à Virgem do Rosário. No bojo desse movimento vieram sendo incorporados objetos para simbolizar o desejo de ascensão social do homem e da mulher negra (as coroas), a imponência e o poder do ser negro (o cetro), o respeito à religiosidade de seus ancestrais marcada pelas oferendas (a bandeja com flores) e as imagens de santos católicos como sinal de respeito e aceitação da religiosidade alheia; tudo isso é posto dentro de uma ritualística que envolve cortejos de reis negros, entoação de cantos que parecem louvar a santa católica; e toque de instrumentos em ritmos de batucada, como as do maracatu e congadas, ambos afro-brasileiros.

O primeiro ato do Marierrê aconteceu, mesmo não se sabendo o ano exato, há um par de séculos atrás, em tempos que negros eram proibidos de exercerem sua religiosidade ou participar das solenidades religiosas de seus colonizadores, ou porque “não tinham almas” ou porque “adoravam ao diabo”; em tempos que negros não tinham permissão para reunir-se em comemoração ou festejo do que quer que fosse, não eram civilizados nem cidadãos; em tempos que nem se alimentar minimamente era permitido ao negro e à negra que trabalhavam de sol a sol, não eram gente e a eles eram destinadas as sobras. De algum modo e apelando para o espírito natalino que acomete todo cristão, os negros, num dezembro longínquo, convence-

⁴ Para Gilroy (2001), quando se fala em diáspora, trata-se das culturas e identidades negras indissociáveis da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelo Atlântico. É na memória da escravidão e na experiência do racismo que se funda politicamente a identidade cultural dos negros no Ocidente. E ao pensar as culturas e identidade negras deste lado do Atlântico (diáspora África-América), Gilroy tenta levá-las mais longe, abordando-as como construção política e histórica marcada pelas trocas culturais. Estas trocas se produziram desde as mais diversas experiências de encantamento e estranhamento em viagens e exílios entre América, até a afirmação do pensamento e da arte negra no Ocidente como contracultura da modernidade.

ram os mandatários da fazenda Carmelo (hoje Carapajó) a permitirem uma ceia no pós-Natal, dia 26 de dezembro, em torno da qual os filhos da diáspora África-Brasil pudessem se reunir e confraternizar. Os alimentos seriam preparados com as partes dos animais que não fossem utilizadas no cozinhar da ceia a ser servida aos donatários na véspera e no dia de Natal.

Figura 2. Feijoada: um símbolo da culinária negra.



Figura 3. Maniçoba: sabor do encontro afro-indígena



Fonte: Registros de nossa pesquisa de campo (2018/2019).

Surge o Natal dos negros em Carapajó, com toda a sua simbologia, pois natal simboliza, entre outras coisas, renascimento, vida nova, momento de se irmaná⁵ com o outro, recomeçar, se tornar rainha ou rei, se transformar e transformar. As vísceras, os mocotós, as cabeças dos suínos e do gado, as sobras, transformaram-se em iguarias culinárias na mesa do povo negro, como a maniçoba, a feijoada e o sarapatel. Se é possível saciar-se com bom alimento, por que não festejar?

Teorizamos que o segundo ato que está na nascente do Marierrê é a inserção do batuque: percussão e canturia afrodescendente – elemento presente no exercício da religiosidade desse povo, como no Candomblé e na umbanda – depois do banquete. Mas só a música extraída dos instrumentos de percussão e das vozes não animaria o negro à dança. Então, da união da cana com gengibre, eis que surge o terceiro ingrediente do Marierrê: a gengibirra, bebida que potencializa a voz e dá destreza aos corpos.

Na roda de conversa, sendo bem tratado e alimentado por aqueles sorrisos de moças que traziam até nós as iguarias que o rei ou a rainha Marierrê ofereciam, não tive como não lembrar de Manoel Querino, “não os dominava o ódio contra o branco; perdoaram e esqueceram mágoas”. Estava cercado por pessoas realmente felizes, pela caminhada que fizera, pela ladainha entoada, pelas bebidas e guloseimas distribuídas, pela presença do povo na “recepção real”, que tão bem me acolheu. “O Marierrê é isso”! Disse-me um senhor de meia idade, “Essa festa bunita⁶ que o senhor tá vendo”! Realmente foi lindo ver o Marierrê à noite nas ruas, ser acolhido sem nenhuma distinção por aquelas famílias, receber os alimentos que as moças serviam sem se mostrarem subalternas, mas altivas e sorridentes. Em uma palavra: poético.

O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações, depois os aspectos perspectivados do objeto, quando ambos são justamente produtos da análise e não devem ser realizados antes dela (MERLEAU-PONTY, 2003, p.10).

⁵ Em conformidade com as expressões e linguagens típicas da região do baixo Tocantins.

⁶ Observem-se, que se respeita a linguagem do sujeito quilombola da região.

Considerando que o visível e o cinestésico são indissociáveis, conforme Nóbrega (2016, p, 136), a produção de sentido em um acontecimento visual não deixaria intacto o estado de corpo do observador: o que eu vejo acontecer, o que sinto e, reciprocamente, meu estado corporal trabalham quase inconscientemente para a interpretação do que vejo.

Para o Merleau-Ponty apud Nóbrega (2001), a natureza não está diante de nós, somos recortados por ela e o corpo expressa essa condição sobremaneira. Por isso, é fundamental para descrever a animação do corpo no Marierrê, não como descendo nele uma consciência, um entendimento, mas como inerência, metamorfose da vida. Tal aspecto de sua ontologia exige uma estesiologia, o estudo do corpo e do sensível. Essa estesiologia nos faz capaz de sentir e de reconhecer outros corpos, outros homens, uma história, uma ontologia indireta que busca o contato com o mundo da vida, da arte, da ciência, da cultura.

O Marierrê enquanto poética afro-brasileira

Com o fervor e entusiasmo de novos cristãos, os pretos africanos estenderam o culto da Senhora do Rosário a toda parte, em vilas e cidades. Santos pretos, ou como tal considerados, tinham altares ou saiam em charola nas procissões. Santuários edificadas testemunham o vigor desse período de associação íntima do escravo africano à religião católica (EDISON CARNEIRO).

Para entendermos como o negro – após ter sido trazido da mãe África, escravizado e desterrado do seu próprio ser – se tornou um novo sujeito plural na sua individualidade e deu novo sentido à sua vida, ao inventar o Marierrê, ouçamos o que dizem os herdeiros dessa jóia negra.

o Marierrê como é uma manifestação, é um ritual mantido até hoje como cultura e por conta disso ele representa algo de importante da vida dos nossos antepassados. Surgiu assim: o dia de natal era comemorado nas fazendas dos senhores e tudo mais, então eles pegavo o dia 26, os negros, os senhores já tinha comemorado o seu natal, aí eles pegavam tudo que sobrava, que eles tinha na verdade resto dos senhores, aí fazia. É por isso que a gente tem a feijoada né, que pode colocar orelha do porco, a cabeça, o mocotó, essas coisas, porque exatamente que eles pegavo da festa dos senhores o que eles não usava, aí já aproveitava e fazia a festa deles dessa maneira (Senhora B, negra, 42).

Nietzsche, analisado por Dias (2011) nos faz descobrir como o ser humano participa da construção da nova ordem do mundo; como, a partir de nossa singularidade, somos capazes de organizar uma rede de significados e referências que nos ajudam a moldar a criação e recriação de nós mesmos. “O ser humano é um experimentador de si mesmo e seu espírito está em constante metamorfose” (NIETZSCHE apud DIAS, 2011, p.13). Se reinventar depois de ser destroçado enquanto ser, enquanto humano; das sobras criar o vigor alimentar e cultural; do simples ato de festejar a vida fazer surgir um ritual religioso de tão imensa potência, é de uma beleza poética fascinante.

o Marierrê, aqui no Carapajó, é uma cultura que precisa ser mantida né, de gerações porque é o nosso povo que tá sendo retratado, a gente sabe que tá ligado a questão dos escravos, então todo ritual, uma manifestação, que eles mostravo exatamente a questão da liberdade, nesse dia, era o único dia do ano que eles mostravo né, que eles tinha a oportunidade de mostrar que estava vivos e tudo, exatamente por isso que eles trazio aquela representação do rei e da rainha... porque no símbolo pra vida deles dos escravos o rei era considerado aquela pessoa né, como é que se diz? Que devia ser respeitado honrado. (Senhor A, negro, 54).

Figuras 4 e 5. Identidades afirmativas e a sua ancestralidade em cortejo no Marierrê de Carapajó



Fonte: Registros de nossa pesquisa de campo (2018/2019)

Que homem e que mulher negra se forjaram ao embalo do Marierrê em Carapajó? Como se deu a afirmação sócio-cultural-religiosa do povo quilombola do baixo Tocantins, na Amazônia? É certo que uma cultura surgiu entre os irmãos negros que aportaram no Brasil; fosse para que homens e mulheres cativos suportassem o ônus da escravidão; fosse para que esses mesmos homens e mulheres nunca desistissem de alcançar os louros da liberdade: a cultura de reinventar culturas. Ancorados nas ideias de Nietzsche (2001), teorizamos que o povo negro viveu e vive sua vida na Amazônia, “como vontade de potência, como eterno superar-se, como atividade criadora”, como alguém que quer e precisa expandir sua força, crescer, gerar mais vida, ressocializar-se, inventar-se como ser que inventa cultura.

Tá, eu vou colocar primeiro do meu ponto de vista como moradora, né. Então como moradora eu vejo a Marierrê como uma forma de expressão religiosa. Então quando a gente perpassa pelo processo cultural dos negros né, a gente vê a dificuldade que os mesmos tinham né, em mostrar né, aquilo que eles acreditavam. Então eu acredito que o Marierrê ele é uma manifestação Cultural, religiosa muito importante né, tanto é que até mesmo é... é , hoje a gente consegue ver isso dentro da Vila (Senhora C, negra, 46).

A nosso ver, um olhar etnográfico, cartografado e com prisma poético, que se concentre mais nos valores e desejos que motivaram os indivíduos negros a como lidar e se afirmar frente aos outros e às situações adversas a eles aqui impostas, pode ser muito mais revelador daquilo

que queremos sistematizar por resistência a ser cativo; por autoafirmação, tendo por base o respeito à ancestralidade e a religiosidade afro-brasileira; pela luta na qual sobrevive aqueles cujas desejos se adequam mais às exigências do meio e são por estes forçados a criar uma nova cultura, aquela definida por Goodenough, citado por Geertz (2017, p. 08) a “cultura que está localizada na mente e no coração dos homens”, criada dentro do modelo bipartido do contato, agora África/Brasil e afro/cristão.

O **Marierrê** é uma devoção católica com característica negra que tem muita importância para mim, porque através dela posso mostrar e engrandecer minha cultura da qual meus antepassados foram responsável e levar o nome da minha comunidade para o conhecimento de todos. No cortejo o rei, a rainha, a princesa, o príncipe, a princesa vão na frente, cada um carregando um símbolo. O povo, a cantoria, os músicos vão atrás. De primero, as senhoras idosas, vestidas de mucamas, io na frente do rei e da rainha dançando. O samba que era os três dia, hoje, é só dia 26. Mudô, mas continua importante pra nós, porque somos de uma Vila pequena e temos uma coisa tão valiosa. (Guardiã dos símbolos Marierrê)

Figuras 6 e 7. Símbolos em movimento rumo à afirmação social, cultural e religiosa



Fonte: Registros de nossa pesquisa de campo (2018/2019)

Essa nova cultura é móvel e se modifica ao tom e harmonia de seus criadores. E a questão de quais dos elementos ritualísticos de um lado e de outro foram fielmente ou em partes transmitidos, quais se perderam, quais foram modificados e perpetuados por gerações sucessivas de contato África/Brasil e afro/cristão foi que nos chamou atenção ao olharmos o Marierrê, pois teoricamente os traços da cultura europeia prevaleceriam sobre a cultura afro, haja vista o discurso racista sobre a inferioridade de tudo que se referisse ao negro. Errê, arrá. O que vimos, ouvimos e sentimos vai em outra direção. Contra o discurso de menosprezo dos outros, fez diferença a vontade de intensificação de potência do povo negro, que aprendeu que viver não é apenas manter-se vivo, sobreviver; é ter desejo, vontade criadora.

Teorizamos que os negros na Amazônia só puderam transformar-se em seres respeitáveis a partir de ações/discursos como o Marierrê, pois o que todos os negros compartilhavam na sua chegada ao Brasil era a escravidão. Tudo o que os afrodescendentes possuem em termos culturais teve que ser, deste lado do Atlântico, criado/modificado por eles. Contestavam as teorias racistas tendo como regra não a luta pela vida, mas a luta de vidas que queriam

mais vida, se nutrindo da “vontade de potência”, emprestando o termo de Nietzsche (2001). Os negros – mesmo de diferentes origens, línguas e costumes, mas sofrendo do mesmo martírio – ao inventarem manifestações ritualísticas como o Marierrê, davam provas de muita humanidade e potência criadora, articulando-se e unindo-se na diferença para enfrentar (com inteligência e poesia) as barbaridades praticadas contra eles. Fruto de uma existência auto inventora, o negro recriou sua culinária, seus costumes, sua religiosidade, sua cultura. Numa fala de Nietzsche (2001), o que o negro aqui fez foi redizer o que já foi criado, inventar novas condições de existência. Na busca de afirmação e expansão, o dia-a-dia da população negra no Brasil era também retratado nas suas variadas formas de organização, fossem elas de caráter beneficente, abolicionistas ou de classes exclusivas de trabalhadores negros, que se uniam em torno da mesma devoção e da mesma expressão religiosa, para ressignificar sua cultura e se ressignificar. Assim, o povo negro rapidamente se adaptava às mais diversas e adversas regiões brasileiras, como a Amazônia, e aos mais diferentes trabalhos que lhe era imposto. “O que o homem quer, o que a menor parcela de um organismo vivo quer é um mais de potência, desejo de expandir, poder de criar, de crescer, de vencer as resistências é o que impulsiona o movimento da vida”. (NIETZSCHE, apud, DIAS, 2011, p. 37-38). Salles vai além ao afirmar que

Não se pode desconsiderar a contribuição cultural africana na Amazônia. Todavia, não se pode testemunhar a sobrevivência de um culto puramente africano, pelo menos no Pará, onde a incorporação de elementos católicos gerou um batuque extremamente sincretizado, modernizado com influência do candomblé baiano e da umbanda do Rio de Janeiro. Todavia os portugueses eram extremamente rigorosos na região. Assim, o batuque - contribuição do negro -, teve de enfrentar através dos tempos a intolerância. (SALLES, 2004, p, 17-18)

Figura 8: Mucamas protetoras do rei e da rainha



Figura 9: Batuque de cortejo



Fonte: Registros de nossa pesquisa de campo (2018/2019)

É ousada a fala que faremos aqui, mas em cada quilombo moderno renasce um Palmares, um recanto onde reina a paz, a liberdade, a festa, o batuque, conforme Salles. Os festejos negros vêm de encontro ao cansaço e aos males produtos da opressão. No dizer de Quirino (2014)

Quantos martírios aqui acabrunharam o coração da raça africana, teve esta, no entanto, um momento de expansivo desafoço, quando, desertando os engenhos e fazendas, os

escravos constituíram a confederação de Palmares, em defesa de sua liberdade. Em Palmares os elementos aí congregados não tiveram por alvo a vingança: bem ao contrário, o seu objetivo foi escapar à tirania e viver em liberdade, nas mais legítimas aspirações do homem. Sem embargo, mostrou-se superior às angústias do sofrimento, e teve gestos memoráveis de revolta, buscando organizar sociedade com governo independente. (QUERINO, 2014, p. 33)

Já os cativos negros não queriam apenas ser livres, queriam um pedaço do chão que semearam e cultivaram por séculos, ansiavam por reconhecimento social, por um lugar ao sol no mercado de trabalho e por respeito à sua religiosidade e à sua maneira de produzir cultura. E foi ao sabor do banquete, ao ritmo do batuque, ao timbre da canturia que o negro aqui se libertou, fez valer sua religiosidade, se afirmou como sujeito ao criar o Marierrê: uma ceia coletiva provinda de sobras, mas que temperadas ao paladar afro se tronaram iguarias de nossa culinária; um batuque, um canto afro-cristão saído de vozes que mesclam timbres e produzem uma harmonia mágica aos ouvidos. Somados esses elementos, tem-se um ritual de cortejo a um rei e a uma rainha criança, ao estilo das congadas que ocorrem Brasil a fora.

Marierrê, arrá/ Nossa Senhora do Rosário.

REF: Marierrê, arrá, Marierrê, arrá,

Marierrê, arrá/ Nós vamos todos a casa santa.

Marierrê, arrá / **Nós vamos todos como irmãos.**

Marierrê, arrá/ Nós somos todos convidados.

Marierrê, arrá/ Nós vamos todos com nossa Santa.

Marierrê, arrá/**Estamos todos na casa santa.**⁷

No mundo pós-moderno, as culturas locais e nacionais em que nascemos tem se constituído nas principais fontes de identidade cultural. Em consonância com Stuart Hall (2006), ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos brasileiros, argentinos ou europeus, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica, o que significa dizer que nossa identidade cultural não está literalmente expressa em nossos genes. Contudo, não raro pensamos nela como se fosse parte de nossa natureza essencial, ignorando que somos produtos de um meio que nos circunda. De acordo com Roger Scruton, apud Hall,

a condição de homem (sic) exige que o indivíduo embora exista e aja como ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo amplo, como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo no qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON, 1986, p. 156).

⁷ Cantiga executada durante o cortejo e missa em honra ao Marierrê.

Sem esse senso de pertencimento, esse sentimento de identificação local e cultural, o sujeito pós-moderno experimentará um profundo sentimento de perda de sua subjetividade. Ou seja, um homem, uma mulher, uma criança, enfim precisa de uma nacionalidade, de uma identificação cultural, de uma identidade. E como já dissemos, cultura e identidade não são coisas com as quais nascemos, mas vão se formando e se transformando no interior das comunidades e suas representações onde nascemos. Parafrazeando Hall (2006), nós só sabemos o que significa ser brasileiro devido ao modo como a “brasilidade” veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional brasileira. Entende-se por isso que uma nação ou povo só é uma entidade política ou social a partir de um sistema de representação cultural. O povo, em termos de cultura, é uma comunidade simbólica, à qual o senso de sociedade, de religiosidade, de pertencimento étnico está subordinado. Assim entendemos o sujeito e uma comunidade, como a de Carapajó, hoje. Aquele/aquela que faz cultura com arte, criando e divinizando novas formas de existência. Aqueles que, conforme Nietzsche

[...] de fato e continuamente, fazem algo que ainda não existe: o inteiro mundo [...] cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações. Esse poema de nossa invenção é [...] permanentemente aprendido, exercitado, traduzido em carne e realidade, em cotidianidade. O que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si, foi-lhe dado e oferecido [...] O mundo que tem algum interesse para o ser humano, fomos nós que o criamos (NIETZSCHE apud DIAS, 2011, p. 57).

O problema é que o senso de cultura nacional homogênea tem oprimido e negado o valor da cultura local, principalmente no sentido da arte, da linguagem, da religiosidade ao generalizar uma única língua como válida, ao propagar uma versão de cultura que se julga hegemônica, com um discurso perverso que visa desconstruir a concepção que o negro tem de si; tenta criar sentidos que invertem ou subvertem os sentidos legados a nós por nossos antepassados, fazendo da cultura e da identidade nacional, a nosso ver, uma “comunidade imaginada”, termo emprestado de Hall. Que estratégias simbólicas devemos acionar para manter nosso senso de pertença, nossa identidade cultural dentro de uma comunidade local, como a de Carapajó? Como podemos contar a narrativa de uma cultura que se reinventa e teima em se manter viva nos festejos do ser negro? O Marierrê é uma potencial resposta.

Considerações Finais

Em Carapajó o povo negro percebeu essa produção de vida e de sua identidade em devir e, por meio do Marierrê, vem criando um novo existir fundado na ideia de pertença e descendência compartilhada. Assim, tem conseguido manter viva tradições e modos de vida característicos, onde há uma identidade cultural e material que remontam a ancestralidade desses habitantes. Da mesma forma que Hall, entendemos que o sujeito passa a assumir identidades diferentes em diferentes momentos, uma vez que estas não são unificadas em um “eu” coerente, pois vimos que o sujeito negro, no âmbito do Marierrê do Rosário em Carapajó, ao longo de mais de cem anos, tem forjado uma identidade negra incoerente com os discursos sobre si, mas coerente com a memória e a religiosidade do povo afro, bem como da cultura que dele emana. Essa cultura é feita de festas e ritos, que historicamente, representaram formas de resistência e de afirmação. Uma produção humana, uma espécie de teia que entrelaça povos e suas memórias, heranças que se partilham em constante devir dentro de uma comunidade.

Por isso, é que julgamos fundamental compreender a força do discurso afro-brasileiro no Marierrê, o jogo com a linguagem simbólica, os sentidos e força que o discurso rito-poético adquire e como ele interfere nas instâncias de poder social e religioso, de representação e afirmação, resgatando tradições de essência africana. A construção desse discurso tem sido tarefa das mais árduas, porém das mais lindas também, na medida em que torna visível a contestação, o sentimento de luta pela construção histórica do sujeito negro, em contextos e lugares estabelecidos e utilizados antes e apenas pelo poder hegemônico, como o interior de

escolas e igrejas, por exemplo. Sabendo-se transgressor e resistente, através desse discurso o ser afro-brasileiro expõe sua face contestadora e os paradoxos da sua existência, buscando novos sentidos, numa multiplicidade semântica infinita.

Em vista desses aspectos, o Marierrê adquire uma tensão e uma ambivalência, pois indica traços – como batuques, danças e canturias – que antes não eram aceitos pela cultura brasileira hegemônica porque eurocêntrica; mas que hoje, apresenta-se como uma grande invenção, rito de afirmação, arte da existência porque não há vida sem criação. Trata-se de uma cultura que produz uma reflexão ao criar certa tensão dialética entre as estruturas estabelecidas e a afirmação do discurso das majorias, fazendo emergir a subjetividade e uma cultura de conquistas, de resistência e de negociação de espaços que inverteram papéis contemporâneos. De resistência religiosa, sem dúvida, por ir de encontro aos padrões instituídos pelos ritos cristãos tradicionais e como instrumento de luta, pela afirmação do jeito de ser e agir do negro, bem como pelo reconhecimento social deste ser que é capaz de transformar todo deserto em exuberante pomar.

Em Carapajó o povo de descendência negra converteu um dos cultos da igreja católica os ritos do Marierrê, à cultura afro, em um processo de ressignificação da vida que busca nas expressões e fé religiosas outros modos de vida. A ritualidade sacra ali parece ser católica, mas é outra coisa que forjou híbrido com o outro e se faz/ser Marierrê. Um povo negro que sabia o que queria quando ideou ritualizar e cantar esse Marierrê com alegria, passear com ele nas ruas e adentrá-lo com altivez na igreja, antes espaço apenas de brancos e cristãos. Como já foi dito, no alvorecer dessa manifestação, aos negros nada era permitido: ouvir a missa, festejar nas ruas, exercitar sua cultura, sua religiosidade. Mas enlaçados no cordão do Rosário e com a veste apropriada, o negro faz batuque, canturia, adentra a igreja com sua negra acompanhada. Errê, é ladino esse povo negro! Criou uma manobra bastante revolucionária como a dar glória à virgem Santa do Rosário, e assim dilubriu o coronel, botou de joelhos o vigário. Arrá, inventou um traslado e não foi contrariado, ganhou respeito como a virgem Maria. Sim, o negro se pós modernizou, ouve missa, se firmou na igreja e na sociedade.

Referências

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec. 1993.

CANEVACCI, Massimo (Org). **Dialética do indivíduo: o indivíduo na natureza, história e cultura**. 2ª edição. Editora Brasiliense. 1984.

CARNEIRO, Edison. **Ladinos e Crioulos (Estudos sobre o negro no Brasil)**. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche**, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2011.

DIAS, Sérgio Alberto (Org). **O canto do quilombo: músicas, poemas e orações do povo negro**. Goiânia: Ed. América, Ed. da UCG, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____, **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000..

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos**. Trad. Samuel Titan Jr. Companhia das Letras, 2008.

MATTOS, Daimo Belfort de. **“As macumbas em São Paulo”**. In: Revista do Arquivo Municipal.

São Paulo. Ano V, vol. XLIX, 1938/2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**, Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d' Oliveira . 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física**: do corpo sujeito ao corpo objeto. Natal: EDU-FRN, 2001.

QUERINO, Manoel. **O Colono Preto como Fator da Civilização Brasileira**. Coleção Auto Conhecimento Brasil, Bahia, 2014.

RAMOS, Adriane de Melo. **"Fé e Devoção: O Poder Divino na Manifestação Cultural Marierrê da Vila de Carapajó**. UFPA/Cametá 2002. TCC em Letras.

REZENDE, Claudia Barcellos e YVONNE Maggie (Org). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SEYFERTH, Giralda. **A Invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos**. Comunicação apresentada na mesa redonda "Racismo e Identidade Social", 45ª Reunião Anual da SBPC, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 11 a 16/07/1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Arte Religiosa Afro-Brasileira: As Múltiplas Estéticas da Devoção Brasileira**. Revista "Debates do NER", Porto Alegre, Ano 9, N. 13, p. 97-113. jan./jun. 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **PRETO NO BRANCO: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Marina de Mello e. **"Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo"**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TODOROV. Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**; tradução Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 1993. 2v.

Recebido em 29 de março de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.